

BÁRBARA SIMÕES

FANTASMAS DA ESCRAVIDÃO

MEMÓRIA DO TRAUMA EM ROMANCES
DO BRASIL, DE ANGOLA E DOS USA

Appris
editora

SUMÁRIO

HALL DE ENTRADA	
MITOS E MEMÓRIAS	9

1

SALA DE VISITAS	
VIOLÊNCIA E REMINISCÊNCIA	17
1.1 MULHERES QUE MATAM EM BELOVED	17
1.2 RESGATANDO O PASSADO EM A MENINA MORTA	26
1.3 ENTRE SILÊNCIOS E LEMBRANÇAS EM A CASA VELHA DAS MARGENS ..	35
1.4 O LÓCUS DE ENUNCIÇÃO	46

2

SALA DE JANTAR	
CONSTRUÇÕES EM DESCONSTRUÇÃO	61
2.1 RUÍDO E SILÊNCIO: A NÃO LINGUAGEM DE BELOVED	71
2.2 CONSTRUÇÃO EM RISCOS E OS RISCOS DA CONSTRUÇÃO: A CASA VELHA DAS MARGENS	79
2.3 A INTERDIÇÃO DA PALAVRA EM A MENINA MORTA : LINGUAGEM EM DOBRAS	87

3

QUARTOS DE DORMIR	
DE SWEET HOME AO PARAÍSO: ESTRANHAS MORADAS	99
3.1 A CASA E O FOGO	99
3.2 O GROTÃO E A CLAREIRA	108
3.3 CASAS ROUBADAS	116
3.4 OS FANTASMAS	128

QUARTINHO DE DESPEJO:	
OS FANTASMAS QUE ENCERRO CÁ DENTRO DO MEU PAÍS ..	147

REFERÊNCIAS	151
--------------------------	-----

HALL DE ENTRADA MITOS E MEMÓRIAS

Quero falar da descoberta que o eu faz do outro [...] mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu só estou aqui pode realmente separá-los e distingui-los de mim.

(TODOROV, 1983, p. 5)

Toda escrita é, de alguma forma, uma reescritura. Na verdade, se, por um lado, não há escritura que seja cópia absoluta de outra; por outro, tampouco é possível encontrar um texto isento de marcas. A originalidade não está em repetir, mas em recontar. Ao recontar, cada narrador acrescenta seu modo próprio e traços, a mais ou a menos, que conferem à velha história um jeito novo. Contar é sempre recontar.

De fato, literatura é também interpretação e desdobramento. Assim, a *tarefa do tradutor*, revelar uma dobra do texto original, é também tarefa de escritor; e uma nova escrita pode ser, ao mesmo tempo, renovação e manifestação de um certo resíduo do original (BENJAMIN, 1921). A origem e o centro estão em jogo nas diversas reescrituras da literatura, que, como num caleidoscópio, mostram imagens a partir de fragmentos em movimento.

Definitivamente, o centro relacionado a uma origem fixa limita o jogo da estrutura, mas pode tornar, por outro lado, o jogo aberto e possível quando se coloca como não lugar, designando, ao mesmo tempo, origem e fim (DERRIDA, 1995). A literatura *morde* esse centro deslocado, reprimido ou ignorado; esse não centro que permite a tensão permanente do jogo com a História. As reescrituras, como lados de um polígono, assim, acolhem a ambiguidade em que as sociedades querem bani-la, e tornam possíveis visões diversas e fragmentárias da História. Recorrendo à afirmação de Barthes, se a língua é fascista, a literatura é a trapaça, ou a capacidade de trapacear (BARTHES, 1982, p. 16).

De certa forma, um ensaio também é uma reescritura. Escreve-se solitariamente, mas jamais individualmente. Assim, enquanto me preparo para entrar em casas/narrativas assombradas, também me encontro com as fontes teóricas e as leituras críticas que me provocaram para a escrita do

presente texto. Hesitando levemente. antes de adentrar espaços permeados de fantasmas, vejo como necessária uma pequena viagem à época em que mitos traçavam identidades. Em outras palavras, para melhor investigar uma possível *subversão* que exista nas obras de Toni Morrison (1988), Cornélio Penna (1954) e Arnaldo Santos (2004), será preciso tentar entender a *versão*, primeira imagem de *nosoutros*, pintada com a tinta envelhecida do Velho Mundo.

Desde quando as caravelas de Colombo deixaram a Espanha para enfim. atracarem no Novo Mundo, muito já se especulava, no universo europeu, sobre os possíveis habitantes que haveria além-mar. Certamente, uma rede de mitos acerca dos possíveis nativos de “terras estranhas” já começava a ser formada no imaginário de muitos dos que futuramente viriam a povoar, desbravar, ou “conquistar” a América. Assim, a imagem da América já existia na Europa antes que olhos europeus a contemplassem de fato (THEODORO, 1992). Em outras palavras, a imagem americana surgiu antes da própria América. No livro *A conquista da América*, de Todorov, temos:

No início do século XVI, os índios da América estão ali, bem presentes, mas deles nada se sabe, ainda que, como é de se esperar, sejam projetadas sobre os seres recentemente descobertos imagens e idéias relacionadas a outras populações distantes. (TODOROV, 1983, p. 6).

Neste momento, deixaremos de lado as diferenças entre os povos que vieram posteriormente ocupar o norte, o centro ou o sul do continente americano e as resultantes dos encontros/desencontros entre culturas nativas e europeias. Observemos, mais especificamente, os mitos que povoavam o imaginário dos novos conquistadores e que vieram com eles, com as ideias preestabelecidas sobre um “outro” que existiria no mundo a ser conquistado.

Sabe-se que os colonizadores europeus que empreenderam suas viagens além-mar buscavam não apenas saciar uma incansável cobiça humana mas também encontrar alternativas para longos anos de provações, fossem elas fome, pestes, miséria ou perseguições religiosas. Alimentados pelos versos de Homero, mapas medievais mostravam uma possível terra do outro lado do mundo com seres fantásticos. Por outro lado, da tradição judaico-cristã, a imagem de um Éden persistia, no imaginário medieval, como esperança de redenção de um mundo sujo e pecaminoso, que sofria em consequência do pecado (CHAUÍ, 2000), O paraíso, a terra prometida, o Éden, poderia ser alcançado, mas longe dali, em uma terra distante, longínqua e pura, ainda livre do pecado do homem. Assim, se havia algo além do abismo oceânico, poderia ser um lugar de redenção, a terra prometida, ou terra de seres exóticos, diferentes.

Segundo Cornejo Polar (2000), ao inventar a América, a Europa inventa a si própria, pois a configuração da imagem do Outro é a principal estratégia para a definição da figuração de si mesmo. Em outras palavras, a identificação se dá pela confrontação com a imagem do outro, e nesse processo ocorre, em um e outro lado, a conversão do heterogêneo e conflitivo em homogêneo e harmônico. Ainda segundo Polar (2000), para essa dupla invenção, começada há cinco séculos, os relatos de viagens foram fundamentais:

Há exatamente cinco séculos, o Ocidente não cessa de “inventar” a América. A esse respeito, bastaria recordar o copioso discurso científico dos viajantes europeus dos séculos XVIII e XIX e sua decisiva influência, inclusive na formação das auto-imagens americanas, ou as muito menos conspícuas “informações” que a imprensa ocidental difunde todos os dias sobre a parte luso-hispânica do continente americano, definitivamente destinadas, com freqüência, não a conhecer-nos, mas a facilitar, mediante a comparação quase inevitavelmente preconceituosa, a complacente auto-imagem “civilizada” do Ocidente. (POLAR, 2000, p. 56).

Curiosamente, no relato que faz Pero Vaz de Caminha (1999), encontramos, em sua linguagem descritiva, metáforas encobertas e comparações explícitas que buscam associar as concepções do Novo Mundo à visão dele:

Neste ilhéu, [...], espraia muito a água e descobre muita areia e muito cascalho. [...] acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande e muito grosso; que em nenhum tempo o vi tamanho. [...] Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior, com respeito ao pudor. (CAMINHA, 1999, p. 51, 57).

De fato, a imagem daqueles que existiriam no Novo Mundo foi formada bem antes que as primeiras caravelas atracassem por aqui. Além disso, é certo que a rede de mitos ou de ideias acerca de um “outro” e do novo continente alargou-se, e alguns desses encontram-se cristalizados hoje, tendo sido adaptados e ajustados ao mercado de consumo em massa e ao ritmo contemporâneo. A América foi, assim, em seu processo de colonização e formação, constituída como um solo propício para o simulacro, já que sua imagem antecedeu o real (BAUDRILLARD, 1986, p. 1981).

Hugo Achugar (1997), no texto *Leones, Cazadores e Historiadores*, a propósito de las políticas de la memoria y del conocimiento, comenta a versão panamericanista de parte dos estudos pós-coloniais, que desprezam